

# A ANCESTRALIDADE EM CONTOS DE *DORAMAR OU A ODISSÉIA: HISTÓRIAS*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

**Marcos Antônio Fernandes dos Santos**  
(PPGL-UFMS / UEMA)

**Stela Maria Oliveira da Silva**  
(UEMA)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p><b>Marcos Antônio Fernandes dos Santos</b> é Doutorando em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestre em Letras (Teoria Literária) pela UEMA (2020). É membro do grupo de pesquisa Literatura e Vida (GPLV). Professor Substituto do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, na Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: marcosantos@professor.uema.br</p> <p><b>Stela Maria Oliveira da Silva</b> é graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: stelaoliveira55@outlook.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente artigo tem como objetivo investigar como a ancestralidade é construída na obra <i>Doramar ou A odisséia: histórias</i>, de Itamar Vieira Junior, na qual são relatados acontecimentos singulares que possuem um diálogo com questões sociais, e a multiplicidade de culturas que formam o país, o que se observa, por exemplo, através da diversidade linguística que constitui a narrativa. O artigo tem cunho bibliográfico, e para construção teórica utilizou-se de autores como Jesus (2021), Viviani (2022), Cortázar (1974), Evaristo (2009), entre outros. A leitura das narrativas evidenciou, entre algumas questões, que as personagens estabelecem uma relação com seus ancestrais, a qual é marcada pelo respeito e devoção. Para a construção das suas narrativas, por exemplo, Vieira Junior utiliza da experiência brasileira, um material vivo, do passado e/ou do presente, assumindo um olhar artístico e utilizando-se do retorno à memória para construir um texto firmado na realidade histórica.</p>	<p>The present article aims to investigate how ancestry is constructed in the work <i>Doramar ou A Odisseia: histórias</i>, by Itamar Vieira Junior, in which singular events are reported, which have a dialogue with social issues and the multiplicity of cultures that make up the country, which is observed, for example, through the linguistic diversity that constitutes the narrative. The article has a bibliographic nature, and for theoretical construction used authors such as Jesus (2021), Viviani (2022), Cortázar (1974), Evaristo (2009), among others. The reading of the narratives showed, among some issues, that the characters establish a relationship with their ancestors, which is marked by respect and devotion. For the construction of his narratives, for example, Vieira Junior uses the Brazilian experience, a living material, from the past and/or the present, assuming an artistic look and using the return to memory to build a text established in historical reality.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Ancestralidade; Cultura; Literatura afrodescendente; Doramar ou a Odisseia.	Ancestry; Culture; Afro-descendent Literature; Doramar ou A odisséia.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade onde os movimentos sociais e as discussões que envolvem o ser humano e sua singularidade têm se tornado cada vez mais frequentes e importantes para a construção de um ambiente social mais justo, respeitável e tolerante às diferenças. Dentre as pautas levantadas corriqueiramente nessas ações sociais está a herança ancestral, que atualmente vem conquistando um espaço gradativo na literatura brasileira contemporânea e na sociedade.

O contexto social atual é resultado de um conjunto de elementos que influenciam nossa vida particular e, conseqüentemente, a convivência social. Portanto, compreender que a ancestralidade é um elemento importante dentro desse contexto, transcorre pela análise de como está sendo feita a abordagem sobre esse tema e de como está sendo recebido pelas pessoas atualmente, de modo que se compreenda que essa questão faz parte de um processo histórico da humanidade, que possui significados e contribuições relevantes para desenvolvimento do indivíduo.

De modo geral, ancestralidade pode ser considerada um legado de influências recebidas dos antepassados, que pode ser adquirida por meio de vivências e experiências, e/ou por fatores biológicos e genéticos. Assim, pode-se dizer que os ensinamentos do passado são ferramentas bastante úteis tanto na formação e na construção educacional do indivíduo, quanto como ser social, pois, podem contribuir e nortear para melhorias nos caminhos que poderão ser trilhados no futuro. Além disso, a ancestralidade é uma forma de caracterização, de reconhecimento e de liberdade, que contribui diretamente para a formação da identidade e a inserção no tempo enquanto indivíduo.

Dentro de um ambiente social marcado por desigualdades e pré-conceitos formados por falta de conhecimento ou informações equivocadas, o tema em questão foi diversas vezes considerado inferior, tornou-se então necessária a exposição e a expansão desse, que atualmente está se tornando cada vez mais presente na literatura contemporânea. Podemos ver a representação ancestral quebrando barreiras, conquistando espaços, de forma a demonstrar, assim, sua contribuição histórica.

A partir disto, tem-se a recente obra de Itamar Vieira Junior: *Doramar ou a Odisseia: histórias*, em que seus contos relatam acontecimentos singulares, possuem um diálogo com questões sociais e com a multiplicidade de culturas que formam o país, as quais podem ser vistas através da mistura de palavras de línguas diferentes. Dentre esses contos, apresentaremos nesta pesquisa "*Alma*", que se trata de narrativa sobre uma escrava que se livra inesperadamente de uma vez por todas da violência a que fora submetida, e "*O espírito aboni das coisas*", que relata sobre personagens que têm uma forte ligação com seus ancestrais, crenças e ensinamentos intimamente ligados à natureza.

Trazendo luz sobre o passado, os personagens fortes que desafiam os limites que lhes foram impostos são capazes de desencadear uma série de reflexões e pensamentos nos leitores acerca dessa temática, no sentido de desconstruir ideias preconcebidas, e conscientizar sobre a importância e as influências da herança ancestral nos mais

variados campos.

Partindo da ideia de que a literatura afrodescendente e a temática ancestral não tinham espaço na literatura brasileira, apenas recentemente estão em destaque entre os temas pesquisados, e sabendo que existem situações que levam os indivíduos a formarem conceitos equivocados e desconexos, o presente artigo apresenta como problema central o seguinte questionamento: Como a literatura brasileira contemporânea constrói a ancestralidade através do conto de temática afrodescendente?

A existência de poucas pesquisas acadêmicas acerca da ancestralidade na literatura e o desejo de pesquisar sobre autores regionais, resultaram no interesse para realização do artigo. Sua escrita foi motivada pelo desejo de aprofundar e buscar mais conhecimentos a respeito da ancestralidade, despertado inicialmente pela leitura da obra de Itamar Vieira Junior já citada acima, a fim de ampliar os horizontes sobre esse tema importante para nossa construção social e individual, e contribuir para ampliar as discussões sobre.

Reconhecida a importância e a complexidade do tema, entende-se que a análise e estudos voltados a ele podem possibilitar novas formas de entender a construção histórico-social do país, proporcionando reflexões sobre o indivíduo como um ser único, com características e hábitos que são resultados dessa herança. O objetivo principal do artigo é, portanto, investigar como a ancestralidade é construída na obra *Doramar ou a Odisseia: histórias*, de Itamar Vieira Junior.

## 1 LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ao pensarmos na expressão “contemporânea”, nos vem à mente a ideia de algo inovador, algo rico em possibilidades de construção de sentidos e de sentimentos diversos. Assim sendo, a literatura contemporânea com suas múltiplas tendências compreende um conjunto amplo de características dos movimentos literários anteriores, consiste em um espaço que vai além de estilos, mas transfigura-se em instrumento para dizer de si e sobre o mundo, através de vozes de resistência e representação.

Por meio da literatura contemporânea produzida no Brasil, é possível, por exemplo, compreender melhor os caminhos do preconceito e da desigualdade no país, pois a visão mediada pela literatura produz pontos de vista que não poderiam ser alcançados por outra área do conhecimento humano (TENÓRIO, 2017). Pensar a literatura brasileira contemporânea separando-a dos problemas que podem e nos são apresentados no dia a dia é uma tarefa delicada.

É possível observar na literatura atual a presença de temas relacionados ao passado e suas heranças, que valorizam a memória e mostram a verdadeira face das relações de poder de um povo marcado física e mentalmente pelo sofrimento que perdurou durante muito tempo, e que até os dias de hoje ainda existem vestígios desse passado abusivo.

Por adquirir tanta força e visibilidade como tem acontecido atualmente, a literatura contemporânea em alguns casos pode ser vista como uma vilã, ou uma

intrusa que causa incômodo por confrontar o tradicional com discursos que revelam os efeitos trágicos das relações de poder “em corpos que não habitam, corpos que não ocupam, corpos que não pertencem, que buscam entre uma esfera e outra um vão para sobrevivência” (VIVIAN, 2022, p. 148). Sendo assim, mais difícil despertar interesse e sua aceitação pela sociedade atual que vive no comodismo, buscando e seguindo padrões.

A busca pelo espaço, poder e lugar de fala, tem movimentado cada vez mais autores e críticos no ambiente literário. Carolina Maria de Jesus é um grande nome de destaque entre as intelectuais negras recentes da história do país. Estabeleceu uma imagem determinada e forte, daí tornou-se uma referência por toda a sua história, origem e caminho trilhado. Enfrentou preconceitos, e foi até mesmo esquecida no meio literário, mas mudou o percurso de uma mulher, negra, mãe, solteira e moradora da favela, foi considerada uma “escritora de verdade” por grandes nomes da literatura, por relatar a verdade, e um lado da história que é oculto.

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade (JESUS, 1961, p. 28).

Transcrever a memória na narrativa contemporânea brasileira adquire novas dimensões que podem articular-se entre ficção, memorialismo e autobiografia recorrente de realidades anteriores vividas ou ouvidas, desvinculando-se radicalmente da ideia moderna de sujeito, o que faz surgir imagens do indivíduo que são únicas, particulares, e acima de tudo, humanas, com sentimentos e sonhos.

A escrita literária pode ser uma forma de manifestação e um processo de negação das marcas de identidade e pertencimento, e, ao mesmo tempo que revisa o passado, diversifica e multiplica as formas de percepção do leitor, que além de ler as histórias, é convidado para vivê-las, senti-las e reavaliar as experiências e horizontes, revelando a consciência adquirida por um sistema que tenta controlar aquilo que não lhes é aceitável por não seguir seus ideais e regras. Segundo Evaristo (2017 apud VIVIAN, 2022, p. 153) “os grandes, os fortes, os que estavam do lado de lá, queriam que todos os do lado de cá fossem realmente fracos, bêbados e famintos. E o pior, eles queriam dirigir o nosso ódio contra nós mesmos, queriam que fôssemos inimigos”.

Embora se tenha conquistado um espaço mais amplo, o universo literário brasileiro permanece muito padronizado. Basta observar os autores que estão sempre em destaque, premiados e citados como referencial, eles pertencem a uma mesma classe social, mantêm muitos pontos em comum entre si, em alguns casos possuem até as mesmas profissões e, quando não as têm, vivem nas mesmas cidades, têm o mesmo sexo, a mesma cor.

É preciso dizer que há a necessidade de reflexões sobre como a literatura brasileira contemporânea e os estudos literários se posicionam nesse campo de poder e de força, observando a maneira como resulta a tensão pela oposição entre os que estão



dispostos a não se contaminar e os que querem sair do seu “devido lugar” imposto por aqueles que consideram estar acima, para mostrar-lhes que merecem o mesmo reconhecimento e valorização, independente do seu lugar de convívio, raça e condição social.

## 2 A ESCRITA LITERÁRIA DE TEMÁTICA AFRODESCENDENTE

A tematização da ancestralidade e a literatura afrodescendente têm-se tornado recorrente dentre várias áreas de estudos, sobretudo, a literatura contemporânea. Apesar de todo o espaço conquistado, a aceitação dessa temática ainda é delicada.

Compreender que a ancestralidade é um elemento importante no contexto social, perpassa pela análise de transmissão e recebimento pelas pessoas e meios de comunicação atuais, de modo que se compreenda a necessidade de um debate mais profundo, uma vez que se trata de um processo histórico da humanidade, que possui significados e contribuições relevantes para o indivíduo e para a sociedade.

Pensar a herança de corpos colonizados e negligenciados pela história por meio das implicações estabelecidas pela lembrança pressupõe refazer o trajeto doloroso de uma vida, cujo percurso faz aflorar as violentas inscrições que pulsam e (de)formam o corpo presente (VIVIAN, 2022, p. 148).

Ao analisar nossa história, é possível encontrar fortes indícios ancestrais, trazidos desde os primórdios da nossa construção e formação como nação, pontuada dessa forma, a importância de valorizar a temática na literatura, para então alcançar diversos públicos, deixando de ser um conhecimento limitado, preconceituoso e até mesmo inaceitável, pois, é indiscutível que existem traços de antepassados em cada indivíduo, seja por questões genéticas ou sociais, e que influenciam direta ou indiretamente em nosso percurso ao longo da vida.

Alguns escritores, tais como Conceição Evaristo têm um papel fundamental na literatura, que consiste em uma manifestação de demonstração de respeito e de revência aos seus ancestrais, por meio da qual reaviva a memória dos caminhos de lutas e os obstáculos que negros e afrodescendentes tiveram que ultrapassar para sobreviverem. Os homens e as mulheres afrodescendentes são protagonistas de histórias marcadas por sofrimentos, mas, que são também a concretização da liberdade.

E desse assuntar a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero... (EVARISTO, 2009, n.p).

Boa parte do que a escritora conheceu já havia sido explorado por seus ancestrais, pais, avós, bisavós etc. As lembranças de momentos sobre suas vivências, experiências e a paisagem externa na qual crescera, embora tenha sofrido mudanças, sobrevivem e surgem em sua mente, se refletindo em sua escrita, para que sua história e

os acontecimentos vividos por ela e por outros que vieram antes e contribuíram para a construção da história, não sejam esquecidos e tornem-se conhecidos pelos leitores.

A herança ancestral está presente em cada indivíduo através de memórias, da imaginação aflorada por histórias que são contadas, e às vezes, de forma inconsciente carregamos algo de algum membro da família que nem sequer conhecemos, isso só é possível devido à herança ancestral. Enquanto possibilidade de conhecimento da história, “a literatura pode, aqui, ser uma ajuda, uma terapêutica que estimula o regresso a um passado que não seja apontado pelo apontar de culpas nem por aproveitamentos políticos” (COUTO, 2009, n.p). Essa arte mostra que é possível conhecer mais do que um único lado da história, abre nossos olhos para uma versão desconhecida e/ou escondida.

Uma constante dessa literatura é a construção de doutrinas que recuperam elementos que geram uma nova ordem simbólica em que tanto o indivíduo negro, quanto a sua cor são valorizados e deixam de estar associados à incapacidade de pensar de forma racional, ao mal, e ao demoníaco, são apenas pessoas, dignas de respeito como qualquer outra.

Resgate e honra aos ancestrais é uma forma de agradecimento pelo que foi feito antes, pelas lutas e batalhas enfrentadas, dificuldades superadas, falhas e acertos, um conjunto de elementos que deram a cada ser humano a oportunidade de colocação no tempo e na sociedade, “a ancestralidade é nosso discurso de pertencimento”. (OLIVEIRA, 2020, p. 15-16).

A profunda marca deixada pela escravidão na história da humanidade permanece viva até os dias atuais. Análises e estudos voltados as tema podem abrir novos horizontes e novas formas de entender a construção histórico-social e individual de um povo, proporcionando reflexões sobre o indivíduo como um ser único, com características e hábitos que são resultados dessa herança, sendo assim, a publicação e divulgação de escritores que exploram essa questão são de fundamental importância para combater o inconsciente racista que existe em nós.

### 3 A NARRATIVA CONTÍSTICA

Conhecido por possuir uma narrativa curta, o conto é um gênero literário que apresenta uma situação inicial em que serão apresentados os personagens, espaço e tempo, essencial para captar a atenção do leitor e para que ele seja situado na narrativa, em seguida, o desenvolvimento, onde geralmente o leitor começa a perceber o conflito, e a situação final, a qual é o momento do desfecho. Sobre o gênero:

[...] o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 1974, p. 151-152).

Assim como o fotógrafo utilizou-se da máquina fotográfica para registrar e paralisar determinado momento, o contista usa de procedimentos que causam o mesmo efeito. Procura sempre a melhor repercussão, tanto no espectador, quanto no leitor, e busca despertar sentimentos intensos em um rápido momento.

O conto originou-se principalmente devido à necessidade humana de contar e ouvir histórias. Tradição oral que decorre de narrativas de povos antigos, incluindo as parábolas bíblicas, até chegarmos ao que conhecemos atualmente, uma narrativa “simples”, com tempo e lugar reduzidos se comparado aos romances, por exemplo. Isso pode ocasionar até mesmo a ideia de que os contos se tornam mais fáceis para serem realizados, uma ideia errada, visto que no conto, o autor seleciona fatos e personagens de uma forma mais rígida.

O conto é o matiz. E somente uma civilização refinada, cheia de experiência, pode aprender a captar e expressar os matizes. Ao declinar o século XIX, em seus últimos anos, adquire perfeição e êxito um gênero literário que nosso século herdou como mais característico, até o ponto de que se pode falar de decadência do romance, ninguém pensará em dizer o mesmo do conto, delicado instrumento artístico com o qual ficam muitas coisas por dizer (DÉCIO apud GOYANEZ p. 48).

Assim, para se criar um bom conto, é preciso originalidade e uso de bons recursos narrativos, é preciso traduzir a ação de forma que todos os elementos restantes estejam ligados e subordinados a ela, para que as personagens e ações secundárias não se desviem da ação principal.

Tendo sua consolidação como gênero literário apenas no século XIX, sofreu mudanças devido à necessidade de contextualizar a narrativa, é assim, considerado uma criação literária recente. Pode-se então dizer que o conto é uma forma que vem se aperfeiçoando e adquiriu características cada vez mais singulares e especiais, sendo também uma expressão da crescente agitação dos seres humanos, principalmente das grandes cidades.

Na literatura brasileira, foi com Machado de Assis que o conto passou a ter características próprias e independentes das novelas e dos romances, considerado o grande divisor de águas em relação ao conto. O escritor é um dos principais nomes da literatura brasileira, publicou diversas obras de diferentes gêneros literários, embora seja conhecido principalmente pelos seus romances, o autor foi também um grande escritor de contos, mais numerosos até que suas narrativas românticas. Levando em conta toda a sua dimensão e peso no universo literário, os contos de Machado de Assis são de grande importância para a valorização e o interesse dos leitores por essa forma literária.

Se Machado fosse pintor, certamente os seus estudos valeriam mais do que as grandes telas. Para o romancista, os contos equivalem a estudos. Assim encaradas, as histórias de Machado de Assis ganham significação que as liga entre si. Foram, na sua melhor parte, estudos sobre alguns temas (PEREIRA, 1949, p. 168).

Na obra machadiana os contos abordam temas importantes na sociedade brasileira. Nota-se a crítica social presente neles, assim, o autor mostra-se capaz de realizar uma análise mais direta e de forma mais apurada sobre determinados acontecimentos. É possível perceber que o autor utiliza a violência como. Tema recorrente em muitos de seus contos, e principalmente em histórias que giram em torno da escravidão e do patriarcalismo.

É indiscutível que o conto possui uma grande importância, pois além de relatar sobre grandes acontecimentos humanos, consolida-se na revelação de um momento importante, geralmente o mais importante na vida da personagem, fazendo assim, mudar totalmente a direção da narrativa, que pode ser vista como a narrativa do presente e do futuro, pois, trata-se da forma mais dinâmica das narrativas atuais.

Ao mesmo tempo em que pode ser desvalorizado por se tratar de uma narrativa curta, é também uma forma que se encaixa perfeitamente na velocidade de nossa época, pois atende às necessidades daquelas pessoas que embora vivam apressadas e com muitos compromissos, não querem deixar de lado o hábito da leitura, e não dispõem de tempo para as longas narrativas.

#### 4 ANCESTRALIDADE NOS CONTOS “ALMA” E “O ESPÍRITO ABONI DAS COISAS”: RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO

Itamar Vieira Junior nasceu em Salvador, na Bahia, no ano de 1979, é formado em geografia e doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA, isso permite que o autor construa narrativas delicadas e sólidas, bem firmadas por uma linguagem apurada. Em 2020, apesar de todas as dificuldades e limitações em decorrência da pandemia da COVID-19, para o autor, esse foi um período de grande sucesso ocasionado principalmente pelo lançamento de seu romance *Torto Arado*, quando reconhecido em grandes eventos literários.

Com seus contos em *Doramar ou a Odisseia: histórias*, o autor solidifica sua posição como um grande nome da literatura contemporânea, e uma figura central nos debates acerca dessa. Com 12 contos, a obra traz personagens que impressionam e inspiram pela força, determinação e autenticidade. Mulheres que enfrentam as mais variadas adversidades, escravos que buscam resgatar sua dignidade a todo custo, e indígenas que buscam apoio em seus ancestrais. A obra de Itamar é apontada como

a) uma produção nitidamente filiada ao campo da literatura negro-brasileira e reivindica essa filiação por meio da representação de personagens negras que descortinam, por meio de sua vivência, aspectos de sua sociabilidade, especialmente porque se trata de um equivalente a quilombo; b) foi recebido com entusiasmo por parte da crítica porque, ao se assumir como uma produção que tratava da representação da negritude brasileira, Itamar descortinou os conflitos fundiários, sociais e econômicos que ainda ocorrem no interior do Brasil, fazendo com que seu texto assumisse um caráter engajado; (GOMES DE JESUS, 2021, p.84).



O presente trabalho tem como objetos de estudo os contos “*O espírito aboni das coisas*” e “*Alma*”, narrativas publicadas na obra *Doramar ou a Odisseia: histórias*, de Itamar Vieira Junior (2021). Em ambas as narrativas as personagens demonstram relações estreitas com seus ancestrais, representadas pela figura da avó, demais familiares, amigos ou conhecidos de lutas. Desse modo, analisa-se como a ancestralidade é construída e apresentada através de suas personagens e enredo, e a influência que desempenham tanto em relação à construção de identidade, como também o modo como o leitor é induzido a pensar sobre como esse aspecto é recepcionado por ele.

#### 4.1 Alma

“*Alma*”, um dos contos mais extensos de *Doramar ou a Odisseia: histórias*, possui em sua construção aspectos de resistência e linguagem que evidenciam as memórias da personagem. O autor opta por utilizar um narrador-personagem que apresenta o enredo do ponto de vista da personagem feminina negra, que conduz o leitor a olhar os fatos narrados pela perspectiva da própria personagem que expõe a visão e a voz da opressão sobre suas experiências, traumas e memórias.

O ritmo acelerado e os longos parágrafos da narração descrevem com riquezas de detalhes o passado de servidão da narradora-personagem até o momento em que conquista a tão sonhada liberdade. Alma recebeu esse nome dado por sua senhora, por supostamente tê-la diferente de tantos outros escravos, agora uma mulher que “caminhou por muitas luas cheias, sob o sol de fogo” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p.24). Na infância fora separada de sua mãe, e avistou em sua vida a repetição do destino de sua avó, o que se estendeu às vidas dos bebês que lhes foram tirados, um após o outro.

e da minha mãe eu não sei porque me tiraram dela como tiraram meus filhos de mim, eu fiquei com minha avó, e do meu pai eu não sei, meu pai pode ser qualquer um dos homens que cortavam o canavial e tinham as costas marcadas pelo chicote do capitão, meus pais tinham as costas marcadas e o sangue descia dos seus corpos para encontrar o chão, e eu, uma mulher, fui crescendo assim, nunca pude apagar de mim o sofrimento que não vivi, o sofrimento da minha avó, da minha mãe que me deu leite e que não sei se vive (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 24).

O enredo inicia-se com a falência e a perda dos bens dos senhores, mas que ainda tinham em sua posse Alma, Luzia e Inácio, escravos que faziam trabalhos domésticos desde os tempos de fartura e prosperidade. Devido à sua atual condição financeira, os senhores observam a necessidade de mudar-se, para tal é preciso fazer uma travessia de barco. Inácio é responsável por analisar as condições para isso, porém, durante a travessia, o senhor encontra-se irado, indignado com a perda dos seus bens, e desconta toda sua frustração no pobre homem, jogando-o para fora do barco, fazendo com que assim, esse se afogue. Ocasionalmente por todo esse sofrimento, os episódios de tortura e violência contra Alma e Luzia tornam-se ainda mais frequentes e intensos. Alma acaba

ficando sozinha na casa de seus senhores, pois Luzia consegue comprar sua própria alforria. Todas as cenas de sofrimento, dor, e tristeza vivenciadas rondam os pensamentos de Alma, e motivam o sentimento de vingança.

Tratar de ancestralidade é lembrar imediatamente dos povos africanos, escravizado, e de um passado marcado por sofrimentos, o que se reflete até os dias atuais, pois esse com certeza foi um dos capítulos mais dolorosos da nossa história. Desse passado, um dos aspectos positivos é a persistência da memória, que se revela pela existência dos ancestrais. Os mais velhos são vistos pelos seus como pessoas sábias, que possuem conhecimento, e quando partem para o outro plano não são esquecidos. Algumas vezes tornam-se mais presentes e importantes do que quando estavam vivos. Seus descendentes fazem durar seus ensinamentos e tradições para a comunidade permanecer forte.

No conto em questão, podemos perceber que além de demonstrar resistência à sua situação, Alma resgata na memória os acontecimentos vividos pela sua avó.

carreguei nas minhas costas o peso das minhas correntes, carreguei o peso do que passou, carreguei o medo e a mágoa, [...] mas eu deveria ter voltado, deveria ter mergulhado no mar, se tenho uma alma, chegaria a alguma terra, chegaria ao lugar dos meus avós, onde eles tinham sido senhores antes que os outros homens das aldeias que guerreavam tivessem tomado minha avó como prisioneira, ela que sobreviveu à viagem de morte, atravessando o mar, pedindo aos seus ancestrais que não a deixassem descer ao mar como comida de peixes, minha avó me contou tudo, um dia, dois dias, muitos dias ela foi contando, quando ficava quieta num canto fumando a palha, ela contava porque tinha de contar, ela punha para fora porque seu peito estava abafado dessas coisas, ela se sentia um bicho nesse lugar (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 25).

Pode-se perceber que nos relatos existe uma estreita relação com a ancestralidade, tanto da protagonista com sua avó, quanto da sua vó e os que vieram antes dela. Isso mostra que a crença e a fé nos ancestrais é um ponto forte para que permaneçam firmes, crentes de que podem interferir e mudar destinos. “eu, Alma, tenho uma história do outro lado do mar mesmo sem nunca ter ido para lá, minha avó me contou” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 26). Ao relembrar os relatos da avó, a protagonista percebe que todas aquelas histórias também a pertencem, o que desperta o desejo de ir para o mesmo lugar de onde seus ancestrais vieram, onde tinham vida e as viviam, pois eram seus próprios senhores, eram livres.

lembrei das histórias de guerra que minha avó contava, sonhei com o dia em que voltaria para onde nunca fui, mas era o lugar que não saía do meu pensamento, eu tomaria o primeiro navio e voltaria para o outro lado, o lado em que o sol nasce, de onde minha avó veio, voltaria para lá e colocaria minha própria roça de inhame, teria outros filhos, teria marido (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 28-29).

Muitas humilhações e dores são relatadas por Alma no decorrer da narrativa, momentos importantes na sua decisão final. Aproximando-se da meia-idade, inconformada com a posição de cativa a qual ocupava, com um histórico extenso de

privações, maus-tratos e injustiças, envenena seus senhores e foge. Foge em desespero por sua liberdade, vestida com um dos melhores vestidos de sua ex-senhora. Inicialmente dá-se ao leitor a ideia de que tudo ocorreria bem, até que em certo ponto as dificuldades apareceram: fome, sede, animais selvagens, medo de estar sendo perseguida e os ferimentos. “meu corpo doía, porém, doía mais pensar que me devolveriam à minha vida antiga, andar era a liberdade” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 27).

Alma encontrou uma terra que seria seu novo lar, ali construiu uma modesta moradia, plantou roça, e ofereceu descanso e água aos que por ali passavam. Assim, encontrou um parceiro que trabalhava diariamente ao seu lado. Com o passar do tempo, vieram outros filhos que já não seriam mais tirados de seu colo, e outros irmãos de lutas que vieram de longe. Esses também tiveram terra para plantar e construir suas moradas, tiveram filhos, e assim, a comunidade aumentou. Além de criar seu próprio ponto de abrigo e refúgio, Alma também o dividiu com outros que seguiam o mesmo caminho.

eu ali, deitada, amada por tudo que me cercava, amada, abençoada por todos os ancestrais, que sofreram atravessando o mar em navios, que morreram antes de chegar e foram atirados ao fundo d'água, comidos pelos bichos das águas, que ergueram roças de inhames na outra terra, a todos os guerreiros que guerrearam, a todas as conquistas que tiveram, a todas as derrotas que tiveram, os ancestrais estavam ali comigo, e deitaram comigo naquele chão, e sonharam com o amanhã, eu adormeci assim (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 34).

Observa-se na protagonista um sentimento de representação por todos os que sofreram antes dela, sua avó, sua mãe, Inácio, e outros aos quais não conheceu, se reconectando aos seus ancestrais através da terra, dos elementos à sua volta e do seu povo.

#### **4.2 O espírito *aboni* das coisas**

A crença de que as plantas possuem o poder de cura é uma cultura herdada pelos nossos antepassados. Antes mesmo dos médicos, de todas as descobertas científicas das quais temos conhecimento hoje, essas práticas e sabedorias foram deixadas para nós como herança, passada de geração a geração por figuras como anciãos, avós sábias, curandeiras etc., que sempre encontravam na natureza a resposta para aliviar dores e curar doenças, e que de certa forma, influenciaram a medicina moderna, já que a base para alguns medicamentos usados atualmente advém de saberes ancestrais, pois seus princípios ativos foram retirados da natureza, com referência nesses ensinamentos.

Nesse sentido, Vieira Junior constrói uma narrativa que ressalta a natureza ancestral das práticas orais e a relação do homem com a natureza, e consolida a ideia de pertencimento e de veracidade entre esses dois agentes que se alimentam e se auxiliam mutuamente. Dessa forma, além de mostrar toda a riqueza que a cultura brasileira possui, evidencia fortemente os traços dos ancestrais presentes em algo comum no

nosso cotidiano, mas que passa despercebido, principalmente pelas pessoas que habitam em grandes centros urbanos.

Quando entra na floresta, não se distingue a força de uma árvore da força de Tokowisa. Não se distingue o espírito aboni de uma árvore do espírito aboni de Tokowisa. Não se distingue o espírito aboni de um caititu kobaya do espírito aboni de Tokowisa, nem o de um macaco-guariba dyico do espírito aboni de Tokowisa. Todos os animais falam e indicam os caminhos das coisas (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 54).

O personagem Tokowisa busca na natureza, nos ensinamentos ancestrais e nos espíritos presentes em cada elemento que a compõe, a cura para sua esposa grávida, seguindo instruções daquele que acredita possuir sabedoria suficiente para curá-la. Todos os elementos da natureza possuem no conto, seu nome indígena e seu próprio espírito *aboni*, o qual é fator principal da conexão entre a personagem e a natureza “Vê peixes aba e pássaros bani. Olha para o céu neme e escuta tudo. Tokowisa tem de prestar atenção no coração ati boti da floresta porque nenhum sinal pode escapar ao seu espírito aboni.” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 55).

Além de despertar reflexões sobre o papel dos ancestrais em nossa construção, na formação pessoal e social, o autor reafirma a profundidade de seus estudos através da criação de suas narrativas e personagens, observado quando se utiliza de palavras e expressões de línguas indígenas que estão em contato com o português brasileiro. Assim, cria personagens e enredos surpreendentemente fiéis às suas raízes e explora sua sensibilidade. Esse traço pode ser encontrado em toda a narrativa.

Apesar da fusão de culturas, devido a todo o processo de colonização, a incorporação de diferentes elementos culturais não prejudica em nada a obra, pelo contrário. Observa-se na narrativa a legitimidade brasileira dos povos indígenas, o que pode transportar o leitor para uma realidade de tradições fortes, cultos, adorações e respeito ao ancestral indígena. Isso acontece principalmente porque as personagens creem que os ancestrais podem interferir positiva ou negativamente na vida daqueles que ainda estão no mundo físico.

O feitiço era para Tokowisa, mas foi Yanici que caiu de fraqueza, porque carrega o filho guerreiro. O xamã teme que o espírito aboni de Yanici seja raptado pelos inamati bote, que moram debaixo da terra. Os inamati bote foram invocados pelo xamã, que lançou o feitiço por vingança pelas perdas que tiveram na última batalha. Então, Tokowisa tem de trazer a abatosi para que as intenções dos espíritos velhos sejam revertidas. Tokowisa vai só, para que a aldeia tabora não fique desprotegida (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 55).

As personagens, os elementos e a linguagem usados pelo autor, são uma tentativa clara de preservação e regaste do saber ancestral, a fim de torná-lo atraente para pessoas que desconhecem o tema, para demonstrar que a ancestralidade ainda permanece viva, e influencia não somente àqueles que estão diretamente envolvidos nos cultos e práticas, mas que engloba a todos. Trata-se de um processo histórico que



contribuiu e que continua a assim fazer para a formação, construção e evolução de um povo. É possível encontrar na própria narrativa traços que demonstram a desvalorização e o preconceito para com o tema:

Os homens brancos acham que eles existem sozinhos e que as árvores e os animais são desprezíveis. Os homens brancos matam velhos, matam mulheres, matam homens, matam crianças, tudo para levar o corpo das árvores. “Para que eles querem uma árvore sem seu aboni?”, pergunta Tokowisa para si mesmo. “Se retirar a árvore da terra wami, seu aboni vai para o céu neme.” “De que adianta ter uma árvore sem seu aboni?”, Tokowisa se pergunta quando para e descansa da viagem (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 56).

Ancestralidade é uma referência a todos aqueles que vieram antes, suas práticas culturais e religiosas que nos foram deixadas, e que servem como base para o que se tem hoje, pois apenas através da evolução do pensamento e do conhecimento é que chegamos aonde estamos hoje. Mas, é nítido que essas diferentes manifestações de crenças e saberes causaram muitos incômodos e intolerâncias, sejam elas raciais ou culturais, alimentadas historicamente.

É importante enfatizar que o resgate e a preservação ancestral exigem esforços de um grupo minoritário para que não seja levada ao esquecimento, visto que a intolerância e o desrespeito estão fortemente enraizados em um preconceito historicamente construído por critérios que selecionavam conforme o tom da pele, crenças e raça.

Tokowisa não vai comer carne de caça enquanto não encontrar a abatosi. Tokowisa não quer desagradar a yama que o visitou em sonho para indicar o local onde estava a palmeira de abatosi. A yama apareceu com olhos de fogo e pelo muito branco. Tokowisa lembra muito bem da palmeira de abatosi na beira de um igarapé, tal qual lhe apareceu no sonho. A yama levou Tokowisa até a palmeira de abatosi. Tokowisa não pode comer animais. Vai comer asahi e outros frutos que encontrar para não desagradar a yama. Seu povo teme a yama. Tokowisa não teme a yama (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 55).

Ao longo de toda a narrativa, pode-se observar que os ancestrais são venerados, vistos como encantados, sábios, que passaram do plano material para o espiritual, mas que continuam a influenciar e a interferir na vida dos que permanecem vivos. São cultuados como forma de respeito e de reverência a todos os saberes que são fundamentais para a permanência coesa e cada vez mais forte de seu povo. Também é observável nessa escrita o histórico de lutas de um povo e as marcas de uma cultura marcados pela inferiorização, e que se estende até à atualidade, quando se busca acima de tudo respeito e espaço no meio social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sua produção ser considerada inicial, Itamar Vieira Junior assume um

lugar de destaque na literatura brasileira contemporânea. A relação do escritor com as dificuldades encontradas no meio social e que dialogam com a produção literária é um ponto alto de sua escrita, que aborda temas envolvendo o negro e a ancestralidade. Suas vivências certamente também inspiraram a criação de suas personagens e narrativas, trazendo para essas um papel de representação e subjetividade.

Ao analisar as narrativas de Itamar Vieira Junior, procurou-se ressaltar personagens com suas vidas marcadas pelo sofrimento, opressão e que foram historicamente marginalizadas ou estereotipadas na literatura, mas que demonstram que a relação com seus ancestrais é marcada pelo respeito e pela devoção. Para a construção das suas narrativas, o autor utiliza da experiência brasileira, um material vivo do passado e/ou do presente e, embora a realidade possa despertar insegurança, o autor assume um olhar artístico, trabalha a linguagem, e utiliza-se do retorno à memória para construir um texto firmado na realidade histórica.

Nesse contexto de representação, observa-se nas narrativas analisadas uma forte ligação com a ancestralidade representada por familiares, amigos próximos, ou pessoas mais velhas que eram consideradas sábias, que influenciam de forma direta ou indireta na construção da identidade e no destino das personagens.

O cuidado do autor ao criar personagens que cultuam seus ancestrais, reverenciando o passado e o presente, a continuidade e a mudança, sujeitos que dialogam entre imaginação e realidade, demonstra força, riqueza identitária, e sobretudo, a urgência em produzir textos que tratam essa temática e que destacam suas qualidades e contribuições para formação, manutenção, aceitação e crescimento de um povo. Pode-se dizer que as narrativas aqui analisadas são testemunhos de pessoas que lutam por liberdade, sendo ela física ou de expressão, e de busca por aceitação e de espaços na sociedade, o que potencializa a temática dentro da literatura.

## REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. Poe: o poeta, o narrador e o crítico In:\_\_\_\_\_. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. pp.103-135.

CUNHA, Vivian Fukumasu; ROSSATO, Lucas; COMIN, Fábio Scorsolini. Religião, religiosidade, espiritualidade, ancestralidade: tensões e potencialidades no campo da saúde. **REVISTA RELEGENSTHRÉSKEIA**, v.10, n. 1, p. 143-170, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/download/79730/44007>>. Acesso em: 19 de março de 2023.

DÉCIO, J. A forma conto e a sua importância. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 22, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3585>>. Acesso em: 19 de março de 2023.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. **Questão de pele**. Rio de Janeiro, 2009.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; OLIVEIRA, Adson Rodrigues; ARAÚJO, Serinaldo Oliveira. Corpo, poética e ancestralidade: uma entrevista com Eduardo de Oliveira. **ODEERE**:

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, v. 5, n. 9, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br./index.php/odeerearticle/view/6440/4824>>. Acesso em: 19 de março de 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, André Luís Gomes de. A vivência do choque e a construção realista em “Alma”, de Itamar Vieira Junior. **Sociopoética**, Campina Grande n. 23, v. 2, 2021.

MACHADO, Ricardo. **A fome de literatura de Carolina Maria de Jesus**. Entrevista especial com Jeferson Tenório. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/614815-a-fome-de-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-entrevista-especial-com-jeferson-tenorio>>. Acesso em: 01 de março de 2023.

PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 4.ed. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949.

SANTOS, Joelia de Jesus; SEIDEL, Roberto Henrique. Literatura negra trançando memórias: o passado africano nas tradições orais brasileiras. **Contexto**, Vitória, v. 1, n. 37, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/30155>>. Acesso em: 19 de março de 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a odisseia: histórias**. São Paulo: Todavia, 2021.

VIVIAN, I. M. R. Memórias, corpos e resistências: perspectivas decoloniais na literatura brasileira contemporânea. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**, [S.l.], v. 2, n. 32, p. 144-163, 2022. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/7120>>. Acesso em: 19 de março de 2023.

## THE ANCESTRALITY IN TALES OF DORAMAR OR THE ODYSSEY: STORIES, BY ITAMAR VIEIRA JUNIOR